

Brasil: maiores chances de uma recuperação antecipada

ERNEST W. BROWN

NOVA YORK – Estamos elevando os prognósticos para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro para o ano 2000 de 1% para 3%. Essa mudança é nossa forma de expressar a convicção que a desvalorização (do real) é positiva para estimular o crescimento econômico, em termos gerais, e a economia brasileira vai recuperar-se mais rapidamente da maxidesvalorização do que sob o sistema anterior de bandas cambiais.

A desvalorização ajuda a elevar o ritmo de crescimento das exportações e reduzir as importações, ambos efeitos que vão elevar a demanda interna por bens e serviços. No entanto, uma resposta ao aumento da pressão inflacionária por meio de uma política monetária extremamente restritiva pode anular uma parte destes benefícios. Ainda é muito cedo na história pós-desvalorização do Brasil a única certeza que existe hoje é qualquer projeção feita agora vai mudar, provavelmente muito, no fim do ano 2000

Deduzir a expansão adicional de 2% no PIB brasileiro no ano 2000 pós-desvalorização do real é relativamente simples. Comparada com nossa projeção anterior

para o comportamento do balanço de pagamentos brasileiro, antes da desvalorização do real, esperamos agora um aumento de 3,2% (ou US\$ 1,6 bilhão) nas exportações

em relação ao nosso prognóstico anterior e uma queda de 16,4% nas importações (ou US\$ 9 bilhões). Acreditamos que as importações brasileiras vão cair 20% este ano e as exportações podem avançar 3% em comparação com 1998; o corte nas importações será parcialmente traduzido em maior demanda por similares nacionais produzidos no mercado doméstico, e o crescimento das exportações deverá aumentar diretamente a demanda interna. O déficit em transações correntes deverá cair dos US\$ 35 bilhões no ano passado para US\$ 17 bilhões este ano, recuando de 4,9% para 3,1% do Produto Interno Bruto.

Há poucas estatísticas sobre o lado real da economia disponíveis que reflitam as mudanças pós-desvalorização. A recém-divulgada produção industrial de dezembro indica uma queda de 2,4% dessazonalizada, em comparação com o mês anterior. Os dados mostram que setores sensíveis ao aumento nas taxas de juros foram duramente atingidos nesse mês. A produção de bens de capital caiu 7,1%, ao passo que a demanda por bens de consumo caiu 1,3% e a de bens intermediários recuou 2,9%. Os efeitos benéficos da desvalorização citados acima vão aparecer com o tempo, mas serão larga-

mente superados pelo impacto recessivo da política monetária restritiva.

É importante ressaltar que nós não esperamos milagres no Brasil, mas estamos esperançosos de que haverá mais acertos do que erros no Brasil nos próximos meses. Os formuladores de políticas no Brasil, incluindo os novos diretores e o presidente do Banco Central, são tecnocratas inteligentes, mas ainda assim eles enfrentam

os mesmos desafios que seus predecessores enfrentaram. O Congresso brasileiro precisa aceitar a necessidade da reforma fiscal para as coisas darem certo no início de mar-

**Exportações
podem
avançar 3% e
importações
cair 20%
este ano**

ço, aprovando o aumento da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). Os governadores dos Estados, ou pelo menos uma maioria deles, devem jogar todo seu peso logo no início para que o esforço inicial de política monetária seja recompensado em termos de estabilidade de preços. O resto do mundo precisa cooperar, não encenando nenhum novo choque com o da Rússia. Tudo o que uma moeda desvalorizada vai obter é direcionar uma fração suplementar da demanda global na direção do Brasil e isso provavelmente vai produzir um pouco mais de crescimento no ano 2000.

O resto do mundo precisa cooperar, não encenando nenhum novo choque

■ Ernest W. "Chip" Brown é economista para a América Latina do banco de investimentos norte-americano Morgan Stanley Dean Witter